

Adesão à Democracia e Apartidarismo na América Latina: Análise Multidimensional

Support for Democracy and Apartisanship in Latin America: a Multidimensional Analysis

Éder Rodrigo Gimenes¹

Julian Borba²

Resumo

Dado o distinto contexto do desenvolvimento contemporâneo das relações dos eleitores com partidos políticos em regimes consolidados e em novas democracias, o presente artigo tem por objetivo avançar na identificação dos preditores da adesão à democracia na América Latina, por meio de modelos hierárquicos que incorporam tanto variáveis estruturais quanto aquelas de nível individual para a explicação do fenômeno, com destaque aos perfis de eleitores que consideram seu refinamento cognitivo e político. Para tanto, construímos modelos que consideram tanto a tese do apartidarismo e a relevância da mobilização cognitiva, em termos individuais, quanto a experiência nacional decorrente do legado democrático. Nossos resultados permitem inferir, por um lado, que o refinamento cognitivo dos eleitores é mais relevante do que o partidarismo com relação ao apoio que tais indivíduos manifestam com relação às diferentes dimensões da democracia, bem como, por outro lado, que a qualidade e a persistência do regime surtem impactos apenas sobre algumas dimensões da democracia.

Palavras-chave: Partidarismo. Adesão à democracia. Mobilização cognitiva. América Latina.

Abstract

Given the distinct context of the contemporary development of voters' relationships with political parties in consolidated regimes and new democracies, this article aims to advance in the identification of predictors for democracy support in Latin America. We use hierarchical models that incorporate structural and individual level variables for the explanation of the phenomenon, with emphasis on the profiles of voters who consider their cognitive and political sophistication. Therefore, we constructed models that taken into account the apartisanship thesis and the relevance of individual cognitive mobilization, as well as the national experience derived from the democratic legacy. Our results allow us to infer, on the one hand, that the cognitive refinement of the voters is more relevant than the partisanship for the support that they manifest about the different dimension of democracy. On the other hand, the quality and the persistence of the regime have impacts only in some dimensions of democracy.

Keywords: Partisanship. Support for democracy. Cognitive mobilization. Latin America.

Considerações Iniciais

Nas democracias consolidadas, são recorrentes as constatações de desalinhamento partidário, que consiste no afastamento do eleitorado com relação aos partidos políticos. Diante deste cenário, Dalton (2013) propôs uma interpretação alternativa às pessimistas ao afirmar que

¹ Doutor em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina. Docente dos cursos de Sociologia, Filosofia e Tecnologia em Gestão Pública do Centro Universitário de Maringá (UniCesumar) e dos Programas de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PGC) e em Políticas Públicas da Universidade Estadual de Maringá e (PPP-UEM, Maringá, PR, Brasil). E-mail: ergimenes@uem.br. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-2059-186X>.

² Doutor em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC, Florianópolis, SC, Brasil). E-mail: borbajulian@yahoo.com.br. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-0149-6533>.

parte dos eleitores que se distanciam dos partidos goza de forte mobilização cognitiva – os novos independentes ou apartidários –, de modo que não utilizam os partidos como atalhos para se localizar no espectro político, mas permanecem apoiando o regime democrático.

Com relação ao modelo de Dalton (2013) de maneira sucinta, destacamos que o autor parte do argumento de que o eleitorado estadunidense e de democracias consolidadas estaria se alterando, de modo que os indivíduos teriam menor predisposição ao envolvimento com partidos diante de outras possibilidades de engajamento político. Considerando a relação desses cidadãos com valores pós-materialistas e o estabelecimento de uma cidadania crítica (INGLEHART; WELZEL, 2009; NORRIS, 1999), o argumento de Dalton (2013) é de que o afastamento do eleitorado com relação às legendas partidárias não necessariamente seria negativo ao funcionamento das democracias, uma vez que dentre eleitores não partidários haveria distintos perfis, assim como os eleitores partidários não seriam todos iguais.

De acordo com o autor, a partir dessa percepção de que haveria um novo tipo de eleitor estadunidense, independente de atalhos decorrentes do enraizamento partidário, porém politicamente engajado, foi possível estabelecer quais recursos seriam definidores da relação dos eleitores com a política, perpassada pelos partidos. Haveria, nesse sentido, quatro padrões distintos de engajamento individual, decorrentes da combinação entre uma medida de mobilização cognitiva (composta por nível de escolaridade e interesse por política) e simpatia partidária. Tais perfis seriam ordenados em escala crescente de racionalidade, em que se assumiria independentes apolíticos como eleitores com menores recursos, seguidos progressivamente por partidários rituais, partidários cognitivos e apartidários.

Eleitores independentes apolíticos seriam aqueles dotados de baixo refinamento cognitivo, com dificuldade de decodificação de informações e baixo interesse por política, os quais não estabeleceriam vínculos com partidos políticos e seriam alienados com relação aos processos políticos. Assim, seria o tipo de eleitor mais distante daquele ideal ao regime democrático.

Partidários rituais dispõem de sentimentos positivos por partidos políticos e se guariam por tal vínculo para posicionar-se eleitoralmente e com relação ao mundo da política, uma vez que se caracterizam pela combinação entre identificação como atalho partidário e ausência de refinamento cognitivo.

Já partidários cognitivos seriam eleitores que disporem de ambos os recursos relevantes ao modelo de Dalton (2013), ou seja, manifestariam o partidarismo e também gozariam de refinamento cognitivo, sendo que seu posicionamento seria mediado por ambos os recursos. Assim, tais eleitores fariam uso do atalho partidário para se posicionar, mas estabeleceriam tal posição considerando um olhar informado e crítico acerca da política.

Por fim, eleitores apartidários são considerados pelo proponente do modelo como aqueles com perfil mais próximo ao ideal racional democrático, já que se posicionariam e tomariam decisões baseados exclusivamente em aspectos cognitivos, uma vez que não manifestam laços com partidos e definem seu comportamento, portanto, independentemente de atalhos partidários.

Para os casos estadunidense e de países europeus, Dalton (2013) testou os modelos com relação a distintos aspectos e concluiu pela confirmação de sua expectativa quanto à relação entre a escala de racionalidade e a cultura política dos indivíduos, pois fatores como comparecimento eleitoral, acompanhamento de campanhas, formação de opiniões sobre políticos e partidos, capacidade de diferenciação de legendas partidárias, participação via internet e em protestos e manifestações de apoio à democracia seriam verificadas em medida crescente conforme avança-se entre os perfis de independentes apolíticos, partidários rituais, partidários cognitivos e apartidários.

Entre novas democracias não há consenso sobre a evolução deste relacionamento, mas alguns estudos apontam que, especificamente no caso da América Latina, não é possível afirmar estar em curso o processo de desalinamento partidário, até mesmo pelo fato de que na maioria dos países nunca houve um período de alinhamento anterior.

Alguns trabalhos recentes destes autores têm se dedicado a analisar a pertinência da tese de Dalton (2013) ao contexto latino-americano, em que dialogam com pesquisadores também dedicados a compreender seus correlatos atitudinais, com destaque àqueles

relacionadas às dimensões da adesão à democracia (ALBALA; VIEIRA, 2014; CARRERAS; MORGENSTEIN; SU, 2013; GIMENES, 2017). Os resultados de tais pesquisas têm confirmado parcialmente a tese do apartidarismo.

O grande problema desses estudos é que majoritariamente se concentram na análise da relação entre os perfis eleitorais e as atitudes políticas utilizando apenas dados de uma dimensão (em geral, de natureza individual), quando a literatura aponta que existe um efeito de contexto que não deve ser desprezado na explicação da cultura política e vice-versa (BAQUERO, 2012; MAINWARING, 2001; RODRÍGUEZ, 2013). No caso específico da relação dos eleitores com partidos, Albala e Vieira (2014) abordaram o tema de maneira teórica, enquanto Gimenes (2017) empreendeu testes acerca dos determinantes do partidarismo. Contudo, o efeito do enraizamento dos partidos sobre o apoio da população à democracia ainda é incipiente em termos de investigações científicas.

Neste artigo, nosso objetivo é avançar na identificação dos preditores da adesão à democracia na América Latina, por meio de modelos hierárquicos que incorporam tanto variáveis estruturais quanto aquelas de nível individual para a explicação do fenômeno, com destaque aos perfis de eleitores que consideram seu refinamento cognitivo e político.

Para tanto, além destas considerações introdutórias, exploramos na próxima seção o quadro teórico concernente aos estudos sobre partidarismo na América Latina e à multidimensionalidade da adesão à democracia. Na terceira seção apresentamos aspectos metodológicos e nossas hipóteses, com destaque às variáveis analisadas como potenciais determinantes da adesão à democracia. A quarta seção trata da apresentação e da análise de nossos resultados dos modelos hierárquicos e, por fim, esboçamos considerações acerca dos resultados desta investigação.

Partidarismo e Adesão À Democracia na América Latina

Desde o seminal *The American Voter* (CAMPBELL *et al.*, 1960), o estudo do partidarismo tem sido um dos temas mais debatidos na Ciência Política. Em termos gerais, as pesquisas apontam que o partidarismo tende a estruturar e dar significado “ao sistema de crenças individuais” (DALTON; McALLISTER; WATTENBERG, 2003, p. 295), da mesma maneira como a existência de vínculos dos eleitores com partidos políticos estrutura, em alguma medida, o voto dos indivíduos (WEISBERG; GREENE, 2003).³

Uma vertente deste debate entende o partidarismo como um vínculo identitário que liga os eleitores aos partidos (GREEN; PALMQUIST; SCHICKLER, 2002) e decorreria do processo de socialização política. Outras perspectivas, derivadas do enfoque da escolha racional, o interpretam como um atalho informacional utilizado pelos eleitores, sendo produto da avaliação que os indivíduos fazem do desempenho dos partidos (DOWNS, 1957; FIORINA, 1981).

A relevância do partidarismo na América Latina tem sido destacada por vários estudos recentes: Mainwaring (2001) e Payne (2007) apontaram o enraizamento dos partidos junto ao eleitorado como indicador de institucionalização dos sistemas partidários; Moreno (2015) investigou a relação entre a intensidade do sentimento partidário e aspectos atitudinais e comportamentais; e Carreras, Morgenstein e Su (2013), Albala e Vieira (2014) e Gimenes (2017) trataram do fenômeno do desalinhamento partidário na América Latina, com conclusões no sentido de que as realidades nacionais destas ainda novas democracias não permitem tratarmos de desalinhamento, uma vez que tal conceito decorreria de diagnósticos para países onde o regime está consolidado, nos quais é possível identificar variações consistentes que indicam o decréscimo do relacionamento dos eleitorados com legendas partidárias (DALTON; FLANAGAN; BECK, 1984).

³ Gimenes (2017) oferece um balanço atualizado da literatura sobre partidarismo, de modo que, neste artigo, destacamos apenas autores e argumentos diretamente relacionados ao objetivo de pesquisa.

No caso dos países latino-americanos, majoritariamente, não houve períodos de estabilidade nos sistemas partidários a ponto de sedimentar laços partidários por longo período de tempo, o que significa que não se pode argumentar no sentido de haver afastamento dos eleitorados de maneira consistente. De fato, dados sistematizados por Gimenes (2017) referentes ao período entre 2008 e 2014 permitem constatar que a simpatia partidária oscilou para além da margem de erro das pesquisas somente em alguns países e para ondas pontuais de pesquisas de dados do *Latin American Public Opinion Project* (LAPOP).

Há ainda outro conjunto de estudos que merece destaque: aqueles dedicados à identificação de determinantes, individuais e/ou de contexto, do partidarismo na região (BORBA *et al.*, 2018; GIMENES, 2017; LUPU, 2015). Dentre estes, constatamos a evolução das análises quanto aos determinantes inseridos nos modelos, de modo que o segundo trabalho destacado matizou os resultados das pesquisas anteriores e propôs modelos multiníveis, nos quais foram testadas as capacidades preditivas de variáveis individuais sociodemográficas (sexo, idade, etnia, área de residência e escolaridade) e atitudinais (interesse por política, eficácia política subjetiva, extremismo ideológico e avaliação de governo), bem como de contexto. Os resultados apontaram que, no nível individual, a relevância da sofisticação política, da capacidade de posicionamento no espectro ideológico e da avaliação do desempenho do governo para o estabelecimento de laços partidários entre os eleitores latino-americanos e, no nível estrutural, a relevância da persistência do regime democrático, em detrimento de características de “engenharia”.⁴

De maneira mais específica, Gimenes (2017) explorou, ainda que de maneira preliminar, a influência dos perfis de eleitores sobre a adesão à democracia na América Latina, aspecto em que o presente artigo avança. Naquele estudo, expôs modelos de regressão de nível individual que mensuraram os efeitos dos distintos perfis de eleitores definidos a partir da tipologia de Dalton (2013) e constatou que recursos como simpatia partidária, alta escolarização e interesse por política impactam positivamente tanto a adesão ao regime quanto o envolvimento da população em modalidades distintas de participação, quais sejam: o voto e o protesto. Na mesma pesquisa, Gimenes (2017) replicou o modelo já testado entre eleitores estadunidenses e europeus para o contexto de novas democracias e encontrou resultados pertinentes entre o eleitorado latino-americano no que tange à participação política e à adesão ao regime democrático.

Ao nos debruçarmos mais especificamente sobre a temática do apoio ao regime, para além da distinção clássica de Easton (1975) quanto às maneiras por meio das quais os indivíduos podem apoiar o regime democrático (normativa e específica⁵), destacamos algumas tentativas recentes de complexificar a análise (como FUKS; CASALECCHI; RIBEIRO, 2014; FUKS *et al.*, 2016; MAGALHÃES, 2018). Tais autores têm buscado testar medidas alternativas àquela clássica que remete ao regime democrático como melhor forma de governo.

A relevância de pesquisar a adesão à democracia sob tal perspectiva se justifica por dois aspectos: em primeiro lugar, por buscar superar pesquisas que mensuram a legitimidade democrática por meio de questões diretamente relacionadas à preferência por tal regime, com utilização de variáveis que possibilitem verificar em que medida os cidadãos estão de acordo com princípios e valores democráticos, sem necessariamente contemplar o termo “democracia” no enunciado e/ou nas alternativas de respostas (BOOTH; SELIGSON, 2009; CARLIN; SINGER, 2011); e, em segundo lugar, pelo fato de que as dimensões exploradas por Fuks *et al.* (2016) visam contemplar os componentes que remetem aos maiores consensos na literatura política como indispensáveis à existência de um regime democrático.

O último trabalho mencionado tratou de quatro distintas dimensões do apoio à democracia. A primeira dimensão, denominada “adesão aos procedimentos de escolha”, considera a realização de eleições livres e competitivas para a escolha de líderes como característica central do regime democrático, nos termos de Dahl (1997). “Ao transportarmos

⁴ Termo cunhado por Reis (2003) no contexto da reforma política, explorado por Borba *et al.* (2018) no sentido do papel das regras institucionais à produção de resultados políticos concretos.

⁵ Para detalhes sobre a classificação eastoniana da adesão à democracia, ver Gimenes (2011).

para o terreno das atitudes políticas, entendemos que um indivíduo ao aceitar outros meios que não eleições livres e competitivas para a escolha dos governantes fere uma de suas dimensões mais elementares [...]” (FUKS *et al.*, 2016, p. 206). A operacionalização da medida se deu pela criação de um índice com variáveis relacionadas à aceitação de que seria justificável a tomada do poder pelos militares diante de crises relacionadas a aspectos econômicos, sociais ou políticos.

A segunda dimensão, “adesão normativa ao voto”, trata do valor que os indivíduos atribuem ao seu direito de votar, independente da obrigatoriedade ou compulsoriedade do comparecimento eleitoral, e foi mensurada pelos autores por meio da questão que contrapõe a opção de ser governado por um líder forte e que não seja eleito pelo voto à democracia eleitoral.

A terceira dimensão diz respeito à participação dos eleitores para além do momento eleitoral. “Em termos de atitudes políticas, esse princípio envolve o reconhecimento do cidadão de quão importantes e legítimas são as diferentes formas de participação política [...]” (FUKS *et al.*, 2016, p. 206). Denominada “adesão ao princípio da participação política”, esta dimensão foi mensurada pelos autores a partir da combinação entre duas variáveis: aprovação de que pessoas participem de manifestações permitidas em lei e em organizações ou grupos destinados a resolver problemas da comunidade.

A última dimensão democrática explorada pelos autores é a “adesão ao princípio da representação política”, a qual dialoga com a literatura que destaca os partidos políticos como instituições centrais ao funcionamento da democracia e foi mensurada por meio da variável que questiona sobre o reconhecimento da importância dos partidos ao referido regime.

Neste artigo, nos propomos a avançar nesta agenda de investigação. Para tanto, buscamos verificar em que medida a tipificação proposta por Dalton (2013) para o eleitorado estadunidense é apropriada para verificarmos o posicionamento de eleitores das ainda novas democracias latino-americanas com relação à adesão democrática, tendo em vista as medidas complexas e recentes que nos permitem avançar na explicação para além da clássica posição churchilliana.⁶

Nesse sentido, as inovações do artigo são, basicamente, de duas naturezas distintas e complementares. A primeira diz respeito à combinação de aspectos tidos como relacionados nos estudos tanto sobre democracia quanto sobre partidos políticos: a relevância da adesão dos eleitores ao referido regime diante de suas manifestações de sentimentos com relação às instituições centrais da democracia, em que propomos a articulação entre duas agendas de pesquisas, com foco na medida de mobilização cognitiva. A segunda inovação diz respeito à realização de análises multivariadas de ordem hierárquica, o que nos possibilita expor a relação entre apoio ao regime e identificação partidária por meio de modelos de regressão multiníveis⁷ para os países da América Latina.

Metodologia e Hipóteses

A fim de compreender os efeitos do partidarismo sobre a adesão à democracia na América Latina, tomamos um amplo conjunto de países em nossa análise, que contempla, inclusive, unidades nacionais da América Central, pouco exploradas por pesquisadores que se debruçam sobre a região: Argentina, Belize, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, El Salvador, Equador, Guatemala, Guiana, Honduras, Jamaica, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, República Dominicana, Uruguai e Venezuela. Os dados individuais referem-se à onda de 2012 do LAPOP, enquanto os dados de contexto foram extraídos de fontes a ser descritas oportunamente.

⁶ Medida de adesão à democracia por meio de questão que opõe o referido regime ser a melhor forma de governo, a despeito de suas debilidades, a alternativas que destacam a preferência a regimes militares ou de manifestação de que “tanto faz” o regime político vigente.

⁷ De acordo com Carvalho e Mingoti (2005), trata-se de modelos de regressão que buscam analisar os efeitos de dados de distintos espectros populacionais sobre um determinado aspecto, o que inclui, nesta pesquisa, testarmos variáveis de nível individual e nacional como preditores.

Neste artigo, apresentamos cinco modelos de regressão hierárquicos, os quais remetem a distintas medidas de apoio ao regime democrático. A fim de dialogar com a tese do apartidarismo (DALTON, 2013; GIMENES, 2017), adotamos a afirmação relacionada à posição churchilliana como modelo inicial. Ainda que menos complexa do que as proposições multidimensionais de adesão à democracia, a utilização de tal questão se justifica pelo fato de ser internacionalmente reconhecida como indicador de apoio à referida forma de governo (DALTON, 1999; KLINGEMANN, 1999) e ser amplamente utilizada por pesquisadores que buscam quantificar os elementos abstratos da legitimidade democrática (OLIVEIRA, 2015), mais especificamente no que diz respeito à dimensão normativa de apoio ao regime (EASTON, 1975). Nossa expectativa é comparar os resultados decorrentes desta medida simples de adesão ao regime com aqueles da proposta multidimensional adotada por Fuks *et al.* (2016). Nesse sentido, consideradas as possibilidades de respostas à questão do LAPOP, classificamos como democratas os indivíduos que concordaram com a afirmação de que “A democracia é preferível a qualquer outra forma de governo” e como não democratas aqueles que responderam que “Para pessoas como eu, não faz diferença se o governo é democrático ou não democrático” ou que “Em algumas circunstâncias, um governo autoritário é preferível a um democrático”.

Já quando se trata das medidas multidimensionais estabelecidas por Fuks *et al.* (2016), a primeira dimensão explorada neste artigo é a “adesão aos procedimentos de escolha”. Tal medida decorre da união de três variáveis relacionadas à possibilidade de aceitação de tomada do Estado por golpe militar em casos de crises econômica, social e política. A redação do LAPOP para a bateria de questões é: “Algumas pessoas dizem que em certas circunstâncias se justificaria que os militares tomassem o poder através de um golpe de estado. Na sua opinião, em quais das circunstâncias que eu vou mencionar se justificaria um golpe militar?” As circunstâncias apontadas são “diante de desemprego muito alto”, “quando há muito crime” e “diante de muita corrupção” e as alternativas de respostas são “Seria justificado que os militares tomassem o poder por um golpe de estado” e “Não se justificaria que os militares tomassem o poder por um golpe de estado”. A fim de empreender modelos passíveis de comparação, manipulamos tais variáveis de maneira distinta daquela de Fuks *et al.* (2016), de modo que, após a realização de testes que indicaram a possibilidade de redução desses conjuntos de variáveis a medidas unitárias⁸, binarizamos o índice (utilizado por aqueles autores em escala de 0 a 3 pontos) e construímos um indicador exigente de adesão à democracia, no qual diferenciam-se aqueles que aceitariam um golpe por qualquer um dos motivos e os que não aceitariam a tomada do poder pelos militares em nenhuma situação.

Com relação à dimensão da “adesão normativa ao voto”, utilizamos a variável definida por Fuks *et al.* (2016) em seu estudo, de modo a contrapor eleitores que aceitariam ser governados por um líder forte ao invés de alguém eleito por meio do voto àqueles que manifestaram a preferência por uma democracia eleitoral.

Em se tratando da dimensão da “adesão ao princípio da participação política”, diferentemente de Fuks *et al.* (2016), adotamos a utilização de uma variável binária, cuja redação é “O(A) sr/sra. acredita que em nosso país faz falta um governo de pulso firme, ou que os problemas podem se resolver com a participação de todos?”, aos moldes da abordagem de Oliveira (2015) sobre o mesmo tema.

Por fim, a “adesão ao princípio da representação política” foi mensurada por meio da questão “Pode haver democracia sem que existam partidos políticos. Até que ponto concorda ou discorda desta frase?”, que apresentava uma escala de 1 a 7 pontos, na qual os eleitores deveriam se posicionar em nível crescente de concordância. Recodificamos tal indicador de modo a dicotimizá-lo entre os que discordam desta possibilidade – os democratas – (pontos 1 a 3) e os que concordam com tal afirmação (pontos 4 a 7)⁹.

⁸ A criação do índice de “adesão aos procedimentos de escolha” foi realizada após análise de confiabilidade, por meio do procedimento de *Reliability Analysis* do SPSS, o qual retornou resultado para o teste de Alpha de Cronbach de ,779, em conformidade com a indicação de Wooldridge (2005). Dada a verificação da consistência interna indicada pelo teste, foi possível a redução das variáveis destacadas a uma única escala integrada (BOHRNSTEDT; KNOKE, 1988).

⁹ Esta questão é determinante ao recorte temporal de nossa análise, uma vez que sua ausência em ondas posteriores

Para a construção dos modelos, inicialmente trabalhamos apenas com modelos de regressão compostos por dados individuais. Contudo, após testarmos modelos nulos para as cinco variáveis dependentes verificamos que seus coeficientes de correlação intraclasse (CCI) apontaram a pertinência da realização de testes multiníveis¹⁰, de modo que agregamos aos modelos iniciais também variáveis de contexto.

No primeiro nível, os perfis dos eleitores são as variáveis explicativas, tomados os independentes apolíticos como categoria de referência por serem eleitores dotados de menos recursos de ordem cognitiva e de ausência da constatação de utilização dos partidos como atalhos. Ademais, inserimos sexo e faixa etária como variáveis de controle.

Nesse sentido, assumimos a hipótese de que haveria efeitos positivos dos perfis de partidários rituais, partidários cognitivos e apartidários com relação ao apoio manifestado pelos independentes apolíticos latino-americanos às distintas dimensões testadas. Contudo, a exemplo do verificado por Gimenes (2017) em sua investigação, os efeitos podem se manifestar sobre alguns tipos de perfis e em distintos modelos, uma vez que determinados aspectos da cultura política são mais influenciados pelo refinamento cognitivo dos indivíduos e outros sofrem maior impacto do sentimento de simpatia partidária.

Cabe destacar que, ainda que tenham sido inseridas como controles, as características sociodemográficas podem também surtir efeito sobre a adesão à democracia. São muitos os estudos que destacam o menor envolvimento das mulheres em múltiplos campos relacionados à política, como Norris (2011) e van Biezen, Mair e Poguntke (2012), o que pode refletir em seu apoio ao regime, enquanto a idade é central à socialização política (CONVERSE, 1969), especialmente relacionada ao acúmulo de experiência eleitoral e à aproximação dos cidadãos com relação à política e aos partidos (BLAIS; RUBENSON, 2012; CARLIN; SINGER, 2011; LUPU, 2015; RICO, 2010; WATTENBERG, 2003).¹¹

No nível de contexto, após realizarmos testes com diversas variáveis relacionadas aos sistemas político, eleitoral e partidário nacionais, optamos pela inserção, em nossos modelos, de uma medida efetiva de mensuração da qualidade do regime, o legado democrático, e ainda o Produto Interno Bruto (PIB) *per capita* como medida de controle econômico.

Com relação à primeira variável, o legado democrático considera a experiência acumulada com relação ao regime sob a perspectiva quantitativa e também quanto à qualidade de seu funcionamento, de modo a considerar, portanto, as oscilações no funcionamento das democracias ao longo dos anos. Sobre tal medida, a tese de Casalecchi (2016) identificou, por meio de modelos hierárquicos, que indivíduos que vivem em países com maior legado democrático têm mais chances de apoiar o regime e alguns dos seus princípios centrais, como a participação e a tolerância política. Assim, nossa expectativa é de que tal efeito seja também percebido ao tratarmos a adesão ao regime de maneira multidimensional, para o que utilizamos a versão do indicador por Mainwaring, Brinks e Pérez-Liñan (2010), atualizada por Casalecchi (2016), referente ao período entre 1900 e 2010.¹²

O PIB *per capita* foi inserido nos modelos como indicador econômico de controle, de modo a considerar que as condições macroeconômicas nacionais podem exercer algum tipo de efeito sobre o apoio manifestado pelos indivíduos ao regime democrático, uma vez que Veiga, Gimenes e Ribeiro (2018), por exemplo, constataram que aspectos econômicos influenciam a definição do voto na América Latina. Nesses termos, utilizamos dados da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL) para o ano de 2011, anterior àquele de coleta de dados do LAPOP, de modo a comparar, portanto, as condições materiais efetivas de renda dentre as unidades nacionais selecionadas.

do LAPOP inviabilizou a realização de análises com dados mais recentes sobre a temática.

¹⁰ Raudenbush e Bryk (2002) afirmam que a realização de testes desta natureza estima a variância daquilo que se pretende explicar (as medidas de adesão à democracia, neste caso) a partir de modelos incondicionais.

¹¹ A variável sexo considerou a presença do atributo masculino (0 = mulher; 1 = homem) e construímos faixas etárias para os intervalos entre 16-29 anos, 30-44 anos, 45-59 anos e 60 anos ou mais.

¹² Para um debate acerca da relação entre legado democrático e partidarismo, consultar Casalecchi e Gimenes (2017).

Determinantes Individuais e de Contexto da Adesão à Democracia na América Latina

Considerado o objetivo deste artigo, buscamos verificar em que medida os perfis dos eleitores e a qualidade do regime democrático são determinantes do posicionamento de eleitores das ainda novas democracias latino-americanas com relação à adesão democrática. Antes de expormos os modelos hierárquicos, cabem breves observações acerca da composição de tal eleitorado.

Tabela 1 - Variáveis independentes e de controle - nível individual

	Simpatia partidária	Escolaridade (superior completo)	Interesse por política	Perfis			
				Independentes apolíticos	Partidários rituais	Partidários cognitivos	Apartidários
México	36,1%	10,1%	32,5%	54,5%	28,5%	7,8%	9,3%
Guatemala	12,9%	4,6%	25,3%	79,2%	10,2%	2,8%	7,8%
El Salvador	30,9%	8,2%	28,4%	62,2%	23,4%	7,6%	6,8%
Honduras	39,7%	6,1%	30,5%	55,1%	34,5%	5,5%	5,0%
Nicarágua	54,5%	6,5%	31,2%	43,0%	45,4%	9,0%	2,6%
Costa Rica	26,2%	12,6%	22,4%	65,6%	21,5%	4,4%	8,6%
Panamá	26,0%	12,1%	25,4%	64,7%	18,2%	8,0%	9,1%
Colômbia	25,5%	13,6%	32,1%	67,5%	14,6%	7,7%	10,2%
Equador	22,5%	18,2%	27,0%	60,4%	13,9%	8,7%	17,1%
Bolívia	15,8%	20,2%	26,9%	67,2%	11,1%	4,7%	17,0%
Perú	16,4%	19,3%	25,1%	66,6%	10,6%	5,8%	17,0%
Paraguai	45,7%	14,0%	28,3%	45,5%	32,9%	12,8%	8,8%
Chile	14,3%	16,1%	25,5%	68,8%	7,2%	7,3%	16,8%
Uruguai	53,4%	16,1%	46,0%	37,4%	36,2%	17,5%	8,9%
Brasil	30,4%	7,1%	25,6%	63,4%	25,2%	5,2%	6,2%
Venezuela	46,9%	20,5%	38,5%	43,5%	32,0%	14,8%	9,8%
Argentina	27,0%	16,1%	34,6%	57,0%	18,2%	8,9%	15,9%
Rep. Dominicana	63,4%	13,9%	50,9%	30,3%	41,2%	22,3%	6,2%
Total	31,9%	13,3%	30,7%	57,7%	23,1%	8,7%	10,4%
n	28645	29025	29046	28291			

Fonte: LAPOP (2012).

Sobre tais dados, a despeito da relevância de análises dos casos nacionais¹³, destacamos as médias para o conjunto de países, as quais nos permitem inferir, primeiramente, que o partidarismo encontra-se enraizado entre menos de um terço do eleitorado da região em 2012, uma vez que apenas cerca de três entre cada dez eleitores manifestou simpatia por algum partido político naquele ano. Tal percentual é próximo àquele de indivíduos que se declararam algo ou muito interessados por política, o que também indica que parcela expressiva dos latino-americanos não tinha interesse pelo assunto ou era pouco interessado no período. A tais características somamos a baixa escolarização dos cidadãos, sendo que apenas 13,3% concluíram o Ensino Superior até aquele momento.

A partir da agregação dos indicadores de interesse por política e de escolaridade, construímos uma escala de mobilização cognitiva, a qual foi binarizada a fim de promovermos seu cruzamento com a ausência ou presença de sentimento de partidarismo manifestado pelos

¹³ Uma análise acerca do funcionamento dos sistemas partidário, político e eleitoral dos países latino-americanos encontra-se em Gimenes (2017).

eleitores¹⁴. Esta combinação nos permitiu identificar a distribuição do eleitorado entre os perfis propostos por Dalton (2013), a qual revelou a concentração de quase 58% dos latino-americanos como alienados políticos e de cerca de 23% como partidários rituais, o que significa que apenas em torno de 19% do eleitorado goza de alta mobilização cognitiva na região.

Avançando em nossa descrição, expomos na Tabela 2 as manifestações de apoio à democracia pelos latino-americanos. Inicialmente, destacamos que a medida clássica - posição churchilliana - aponta que mais de três quartos dos latino-americanos afirmam preferir a democracia a outras alternativas de governo. Entretanto, quando passamos às medidas multidimensionais do apoio, reforçamos o argumento do conjunto de autores anteriormente expostos, no sentido de que a abordagem do tema por meio de outras questões evidencia a idiosincrasia atrelada à referida adesão.

Tabela 2 - Variáveis dependentes

	Posição clássica churchilliana	Dimensões de adesão				Dem4	Dem5
		Procedimentos de escolha	Normativa ao voto	Participação política	Princípio da representação		
México	74,6%	43,0%	85,2%	73,3%	43,0%	13,1%	12,4%
Guatemala	65,6%	49,5%	70,9%	58,0%	43,6%	9,8%	8,1%
El Salvador	72,0%	39,3%	81,9%	60,5%	46,3%	12,6%	11,0%
Honduras	69,4%	50,9%	57,8%	49,8%	46,5%	5,3%	4,2%
Nicarágua	84,2%	49,5%	89,4%	83,0%	51,7%	19,4%	17,2%
Costa Rica	87,4%	62,4%	79,9%	49,2%	67,9%	22,1%	20,1%
Panamá	83,6%	77,6%	79,3%	76,5%	40,1%	22,1%	20,0%
Colômbia	72,3%	50,6%	88,1%	64,2%	49,0%	16,2%	14,0%
Equador	69,6%	42,2%	82,8%	69,0%	46,2%	12,4%	9,8%
Bolívia	81,6%	43,1%	83,8%	76,1%	43,7%	15,1%	14,6%
Perú	71,5%	33,8%	82,8%	56,6%	52,8%	13,5%	12,5%
Paraguai	62,9%	41,6%	82,9%	67,3%	51,2%	18,0%	15,2%
Chile	72,7%	71,8%	91,2%	61,2%	36,3%	16,4%	14,9%
Uruguai	87,1%	63,1%	94,9%	77,9%	64,5%	39,0%	37,7%
Brasil	66,0%	53,8%	83,4%	64,4%	47,7%	18,8%	15,4%
Venezuela	91,2%	66,8%	95,0%	84,3%	65,8%	39,1%	38,2%
Argentina	81,9%	60,0%	92,8%	69,5%	58,2%	28,6%	27,3%
Rep. Dominicana	75,2%	46,7%	85,9%	61,6%	45,9%	17,4%	16,6%
Total	76,5%	52,4%	83,6%	67,3%	49,7%	18,6%	17,1%
n	27362	26587	27555	28481	26966	23683	22941

Fonte: LAPOP (2012).

Nesse sentido, quando se trata da multidimensionalidade do fenômeno, os resultados apontam que os cidadãos da região apoiam com diferentes intensidades o regime, sendo que o voto se destaca com relação às demais dimensões, uma vez que a adesão normativa à democracia eleitoral atinge o maior percentual de apoio manifestado, inclusive considerada a medida clássica churchilliana.

Dentre as demais dimensões, constatamos que pouco mais da metade dos cidadãos latino-americanos estariam dispostos à manutenção da democracia mesmo diante de crises de ordem econômica, social e política, ao passo que mais de 47% da população declarou em 2012

¹⁴ A descrição detalhada dos procedimentos pertinentes ao estabelecimento dos perfis dos eleitores encontra-se em Borba, Gimenes e Ribeiro (2015).

que seria justificado um golpe de Estado pelos militares em situações de altas taxas de desemprego, criminalidade ou corrupção.

Com relação ao princípio da participação, constatamos que mais de 67% dos indivíduos eram favoráveis à participação ampla da população para a resolução de questões, mas ainda assim identificamos quase um terço da população, em 2012, em concordância com a ideia de que faltaria um governo de pulso firme para resolver os problemas.

Por fim, a dimensão da representação apresentou o menor percentual de adesão por parte da população, de modo que pouco menos da metade dos latino-americanos discordou da afirmação de que poderia haver democracia sem partidos políticos, o que revela que a relevância de tais instituições ao regime democrático constituiria o pilar mais frágil dentre as medidas dimensionais analisadas.

Para além das variáveis constantes no LAPOP 2012, apresentamos na mesma tabela dois indicadores, com a finalidade de ilustrar a afirmação de que o apoio dos cidadãos ao regime democrático é idiossincrático. O primeiro, ao qual denominamos Dem4, corresponde à agregação das respostas às quatro medidas de apoio ao regime trabalhadas sob a perspectiva da multidimensionalidade, o que se deu em dois passos: inicialmente, criamos um índice somatório com as respostas às quatro variáveis, o qual obteve extensão de cinco pontos (0 a 4), sendo que o indivíduo localizado em 0 seria aquele que respondeu contrariamente às alternativas democráticas nas em todas as questões, aqueles localizados em 1, 2 ou 3 revelaram-se democratas com relação a quantidades parciais das características apresentadas e os latino-americanos pertencentes ao ponto 4 da escala seriam os democratas plenos, uma vez que responderam em favor alternativas que remetem ao regime em todas as quatro questões a que foram confrontados.

O segundo indicador consistiu na agregação, à medida anteriormente descrita (Dem4), da posição clássica churchilliana, tendo em vista incorporarmos à medida também aqueles que, de maneira direta - ou seja, em questão que remete objetivamente ao regime - manifesta apoio à democracia. Nesse sentido, o indicador denominado Dem5 tem amplitude de 0 a 5 e os democratas plenos seriam aqueles que, concomitantemente, declararam preferir o regime a qualquer outra forma de governo e optaram por alternativas democráticas entre aquelas expostas sob a perspectiva multidimensional.

Ambos os índices foram recodificados em variáveis binárias, separando democratas plenos dos demais cidadãos. Tal opção decorreu da identificação da necessidade de diálogo com o estudo de Moises (2008),¹⁵ que afirmou que haveria na América Latina cidadãos autoritários (que não manifestariam sua adesão à democracia), ambivalentes (que combinariam medidas de apoio ao regime com manifestações autoritárias) e democratas (que atenderiam a todos os indicadores de apoio).

Tratando-se dos resultados relacionados aos indicadores acima descritos, a agregação das quatro dimensões propostas por Fuks *et al.* (2016) revela um dado que demanda atenção: ainda que sejam poucos os latino-americanos que não apoiam a democracia sob nenhum dos aspectos investigados, o percentual de cidadãos plenamente democratas é de apenas 18,6%. Ao considerarmos também a medida churchilliana em conjunto com essas quatro dimensões, verificamos percentual ainda mais baixo, o que demonstra que cerca de 83% de todos os latino-americanos não apoiam a democracia plenamente ou, utilizando os termos de Moises (2008), manifestariam-se de maneira contrária ou ambivalente com relação ao regime.

Tendo em vista que, para além das médias totais analisadas, constatamos oscilações relevantes entre as unidades nacionais para as medidas investigadas - a posição churchilliana, por exemplo, oscilou em até 25,6% na comparação entre os países -, cabe destacar também os dados contextuais inseridos em nossos modelos hierárquicos, legado democrático e PIB *per capita*, expostos na Tabela 3.

¹⁵ Neste artigo, expomos tais dados em caráter ilustrativo, contudo os mesmos compõem nossa agenda de pesquisa, tendo em vista a necessidade de compreendermos, de fato, se e quanto eleitores com maior refinamento cognitivo e com sentimentos positivos por partidos políticos são mais democratas do que aqueles que não dispõem de tais recursos, de maneira geral.

Tabela 3 - Variáveis independente e de controle - nível contextual

	Legado democrático	PIB per capita(2011)
México	19,20	9244,10
Guatemala	21,90	2854,40
El Salvador	23,50	3532,80
Honduras	27,30	2157,70
Nicarágua	21,90	1598,30
Costa Rica	97,70	8439,50
Panamá	50,80	8781,80
Colômbia	49,20	6592,50
Equador	47,10	4943,80
Bolívia	33,70	2052,20
Perú	40,10	5269,90
Paraguai	13,50	3322,90
Chile	80,20	13351,70
Uruguai	81,30	12519,10
Brasil	47,10	11468,70
Venezuela	62,30	8616,30
Argentina	54,00	10877,30
República Dominicana	36,40	5526,20
Média	44,84	6730,51
Desvio-padrão	23,64	3810,13

Fontes: Casalecchi (2016), CEPAL (2012) e Mainwaring, Brinks e Pérez-Liñan (2010).

Os valores expostos na tabela acima destacam a existência de relativa discrepância entre o desenvolvimento democrático e econômico dos países da região, o que é evidenciado especialmente pelas médias e desvios-padrão constatados: apesar da oscilação (desvio padrão) expressiva para ambas as medidas, apenas a Costa Rica se localiza para além de dois desvios-padrão da média de legado democrático entre o conjunto de países analisados, de maneira positiva, enquanto os PIBs de todos os países constam nesse intervalo de dois desvios-padrão.

Tendo em vista esta breve análise descritiva das variáveis contempladas em nossos modelos, podemos avançar aos resultados de nossa análise hierárquica¹⁶. A Tabela 4 apresenta os resultados dos cinco modelos testados.

Tabela 4 - Preditores da adesão às distintas dimensões da democracia na América Latina (2012)

	Posição clássica churchilliana	Dimensões de adesão			
		Procedimentos de escolha	Normativa ao voto	Participação política	Princípio da representação
Intercepto	,567***	,135*	,712***	,675***	,410***
Sexo	,015*	,013*	,011*	-,005	-,004
Faixa etária	,030***	,044***	,013***	-,008*	,015*
Perfis ^a					
Partidários rituais	,018*	,007	,020	-,018	,029
Partidários cognitivos	,052***	,082*	,051*	,052*	,026
Apartidários	,051***	,065*	,050***	,069***	-,009
Legado democrático	,002*	,002*	,000	-,001	,002*
PIB per capita	,000	,001*	,001*	,000	,000
n nível 1	27362	26587	27555	28481	26966
n nível 2	18	18	18	18	18

Fonte: Casalecchi (2016), CEPAL (2012), LAPOP (2012) e Mainwaring, Brinks e Pérez-Liñan (2010).

^a Categoria de referência: Independentes apolíticos

Onde: ***sig = ,000 e *sig ≤ ,050

¹⁶ Anteriormente a estes modelos, rodamos regressões apenas com variáveis de nível individual (anexos), cujos efeitos foram semelhantes aos apresentados na Tabela 4.

Por tratar-se de variáveis individuais, nos deteremos aos resultados referentes aos perfis dos eleitores¹⁷. Inicialmente, destacamos rendimentos empíricos coerentes com a proposta teórica de Dalton (2013), especialmente no que tange à relevância da mobilização cognitiva entre os latino-americanos.

Com relação à clássica variável de posição churchilliana, verificamos que indivíduos classificados em ambos os perfis que dispõem de algum tipo de recurso (simpatia partidária e/ou mobilização cognitiva) gozam de maior chance de apoiarem o regime democrático, quando comparados com independentes apolíticos. Em outras palavras, os referidos recursos surtiriam efeito positivo à adesão democrática na região, sendo que a mobilização cognitiva seria responsável pelos efeitos mais expressivos, primeiramente porque os perfis de eleitores partidários cognitivos e apartidários possuem quase o triplo de chance de serem mais democratas do que os partidários rituais, ambos tomando os alienados como referência. Ademais, considerada a magnitude dos efeitos para os perfis com alta mobilização cognitiva, podemos inferir que tal efeito é mais relevante do que o partidarismo à manifestação de apoio ao regime democrático, uma vez que partidários cognitivos e apartidários possuem praticamente a mesma chance de concordarem com a afirmação de que a democracia é melhor do que qualquer outra forma de governo, o que independeria da presença e da ausência, respectivamente, da simpatia partidária entre tais eleitores.

Passemos, então, às medidas multidimensionais de apoio ao regime. Verificamos que partidários cognitivos apresentam maior chance do que independentes apolíticos de apoiar a manutenção do regime mesmo diante de crises, assim como os apartidários, ainda que em menor medida. Como partidários rituais não se diferenciam de independentes apolíticos e partidários cognitivos e apartidários são significativamente distintos da categoria de referência dos modelos, inferimos que a mobilização cognitiva é recurso relevante à preferência pela manutenção da democracia mesmo diante de crises de ordem econômica, social ou política entre os latino-americanos. Contudo, diferentemente do que observamos referente à posição churchilliana, nossos resultados revelam com a combinação entre simpatia partidária e mobilização cognitiva surte o maior efeito sobre a adesão aos procedimentos de escolha, de modo que, portanto, se a alta mobilização cognitiva se faz relevante, sua interação com o partidarismo surte efeito ainda maior sobre a manifestação de apoio ao regime diante de crises.

A dimensão da adesão normativa ao voto apresenta efeitos positivos e significativos para os perfis que dispõem de alta mobilização cognitiva. Assim como verificamos no primeiro modelo, as intensidades dos coeficientes são praticamente iguais, o que reforça o argumento de que tal combinação de recursos (interesse por política e escolarização) é determinante ao apoio ao regime, nesse caso no que diz respeito ao entendimento de que uma democracia eleitoral é melhor do que ser governado por um líder forte, que não seja eleito por meio do voto. Em outras palavras, eleitores com maior mobilização cognitiva, em comparação com os alienados, valorizariam mais as eleições, independentemente da obrigatoriedade do comparecimento eleitoral.

Também em se tratando da dimensão do apoio à participação política encontramos efeitos positivos entre partidários cognitivos e apartidários, porém com maior intensidade para o segundo grupo, tendo os independentes apolíticos como parâmetro de comparação a ambos. A partir dos resultados deste modelo podemos inferir que eleitores que dispõem de alta mobilização cognitiva e se orientam apenas por tal recurso com relação à política tendem a ser os mais democratas, ainda que aqueles que combinam o refinamento cognitivo com a utilização dos partidos como atalho ao posicionamento no mundo da política também sejam favoráveis à participação democrática. Tal resultado dialoga diretamente com o argumento de Dalton (2013) acerca de quem seria o novo estadunidense, no sentido de que eleitores apartidários seriam os mais próximos ao ideal racional democrático, sem envolvimento com instituições hierárquicas e definidoras de valores e comportamentos, pautados especialmente por seu refinamento e sua sofisticação à definição de sua cultura política.

¹⁷ Os efeitos das variáveis de controle podem ser interpretados à luz das indicações expostas anteriormente.

Por fim, o modelo referente à adesão ao princípio da representação não retornou nenhum tipo de perfil que se diferencie dos independentes apolíticos, o que significa uma distribuição relativamente homogênea daqueles que não valorizam os partidos e daqueles que entendem que tais instituições são importantes ao funcionamento da democracia. Por um lado, a ausência de resultados significativos entre os perfis de partidários - rituais e cognitivos - desvela a idiosincrasia existente em sua cultura política ou nos lança um novo e futuro desafio analítico: entender como indivíduos que se identificam com partidos políticos imaginam um regime democrático sem tais instituições? Por outro lado, a ausência de efeito com relação aos apartidários era esperada teoricamente, já que tal contingente de eleitores não se baliza pelos partidos para estruturar seu envolvimento com a política, de modo que soa coerente que concordem com a possibilidade de existência de uma democracia sem partidos, já que são pautados por valores pós-materialistas e críticos às instituições tradicionais e hierárquicas existentes.

Já com relação ao legado democrático, verificamos impacto sobre a adesão à democracia em três dos cinco modelos apresentados. Por um lado, tal resultado nos permite inferir que a persistência do referido regime ao longo do tempo, permeada pela qualidade de indicadores relacionados aos seus sistemas político, partidário e eleitoral - como garantia de liberdades civis e políticas, fragmentação e polarização partidárias, recorrência de eleições limpas etc. -, impacta a manifestação de apoio por parte dos indivíduos, assim como também o fazem os aspectos da cultura política incluídos nos modelos.

De acordo com nossos resultados, quando tratamos de dimensões relacionadas à participação política em geral e relacionada especificamente ao voto, a medida contextual não foi significativa, sendo que apenas variáveis relacionadas à alta mobilização cognitiva foram determinantes. Em outros termos, é perceptível que o apoio ao engajamento político efetivo decorre de fatores individuais, não se configurando como fenômeno nacional.

Por outro lado, os demais modelos testados têm no legado democrático um determinante estrutural relevante. Ainda que com efeitos mínimos, o legado se revela expressivo se considerarmos a amplitude da variação da medida (destacada na Tabela 3), de modo que os resultados indicam que a qualidade do regime, analisada ao longo do tempo, influencia positivamente tanto a manifestação de preferência pela democracia em detrimento de qualquer outra forma de governo quanto a preferência por sua manutenção mesmo em contexto de crise econômica, social ou política.

Por fim, destacamos o último modelo, referente à dimensão da adesão ao princípio da representação, para a qual o legado democrático se revelou como única variável independente significativa, o que nos permite inferir que o entendimento de que os partidos políticos são instituições fundamentais ao funcionamento de democracias seria impactado pela qualidade do referido regime ao longo do tempo, de modo que, portanto, a experiência de vivência em um regime democrático surtiria mais impacto sobre a adesão ao regime do que recursos cognitivos ou outros aspectos de natureza individual.

Considerações Finais

Os dados expostos neste artigo nos permitem avançar na identificação das complexas relações entre a legitimidade das democracias, a qualidade do funcionamento do regime e o impacto do estabelecimento de recursos (partidarismo e mobilização cognitiva) ao apoio manifestado pelos cidadãos das ainda novas democracias latino-americanas. Tais resultados nos levam às seguintes conclusões.

Em primeiro lugar, constatamos que partidários rituais se diferenciam de maneira praticamente inexpressiva daqueles eleitores independentes apolíticos, uma vez que há distinção apenas para a posição clássica churchilliana, o que demonstra que a simpatia partidária, per se, não influencia o apoio ao regime. Além disso, a ausência de resultado significativo para todos os demais modelos também nos permite inferir que partidários rituais teriam uma visão abstrata ou até mesmo sem clareza de conteúdo acerca do que seja a democracia, pois, para os modelos que explicam as dimensões do fenômeno separadamente, tais eleitores são semelhantes aos alienados.

Por outro lado, efeito contrário verificamos entre aqueles conjuntos de eleitores com alta mobilização cognitiva: partidários cognitivos e apartidários apresentaram efeitos significativos, em comparação com independentes apolíticos, para os modelos que testaram a posição churchilliana e três dimensões de adesão, à exceção da representação. Assim, nossa segunda conclusão é de que mobilização cognitiva exerce efeitos expressivos sobre a manifestação de apoio ao regime pelos cidadãos latino-americanos, independentemente da mensuração ocorrer por meio de uma variável difusa ou de indicadores de multidimensionalidade do fenômeno. Visto em conjunto com os achados expostos anteriormente, esta segunda conclusão nos permite inferir que atalhos partidários (simpatia) são menos relevantes ao democratismo do que o refinamento cognitivo decorrente da combinação entre escolaridade e interesse por política entre os eleitores da América Latina.

Por fim, destacamos o impacto do legado democrático, percebido apenas para algumas medidas de apoio ao regime, em detrimento de aspectos relacionados à participação política. De um lado, cabe a reflexão acerca do avanço da participação na América Latina nas últimas décadas - conforme destacado ao longo do texto, incluída a relevância do voto, o que faria com que, a despeito da qualidade experimentada pelos regimes democráticos nacionais ao longo do período 1900-2010, houve certa homogeneidade com relação à valorização das modalidades de engajamento político.

Por outro lado, verificamos que países com regimes que atendem de maneira mais completa aos pressupostos democráticos ao longo do tempo são aqueles nos quais os indivíduos estão menos dispostos a abrir mão do regime em favor de golpes militares diante de crises, nos quais os partidos políticos são vistos como relevantes ao funcionamento do regime e onde os cidadãos entendem de maneira mais expressiva que a democracia seria melhor do que qualquer outra forma de governo. De modo geral, poderíamos destacar que, apesar de uma constatação óbvia, porém pouco explorada nos estudos sobre o tema, regimes democráticos que atendem aos pressupostos definidores de sua qualidade, tendem a ser bem aceitos.

Para além desses resultados, destacamos que é relevante considerá-los sob a perspectiva global, uma vez que decorrem de novas democracias, mas remetem a questões centrais ao debate internacional desta segunda metade de década de 2010. Se a relação dos eleitores com partidos políticos tem sido investigada, em maior ou menor medida, ao redor do mundo, a adesão dos cidadãos ao regime democrático é central à agenda de pesquisas em curso, vide autores como Pérez-Liñán e Mainwaring (2013) e Levitsky e Ziblitz (2018), que têm utilizado termos como “erosão democrática”, “colapso das democracias” e “morte da democracia” para se referir a processos e fenômenos políticos em curso tanto entre democracias consolidadas, com destaque aos Estados Unidos na obra mais recente, quanto em outras unidades nacionais, como aquelas do Leste Europeu e da América Latina.

Referências

- ALBALA, A.; VIEIRA, S. M. ¿Crisis de los partidos en América Latina? El papel de los partidos políticos latinoamericanos en el escenario reciente. *Política*, Chile, v. 52, n. 1, p. 145-170, 2014.
- BAQUERO, M. Identificação partidária e comportamento eleitoral. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 36., 2012, Águas de Lindóia. *Anais [...]*. Águas de Lindóia, SP: ANPOCS, 2012.
- BLAIS, A.; RUBENSON, D. The source of turnout decline: new values or new contexts? *Comparative Political Studies*, Beverly Hills, v. 46, n. 1, p. 95-117, 2012.
- BOHRNSTEDT, G. W.; KNOKE, D. *Statistics for social data analysis*. 2. ed. Itasca: Peacock, 1988.
- BOOTH, J.; SELIGSON, M. A. *The legitimacy puzzle in Latin America: political support and democracy in eight nations*. New York: Cambridge University, 2009.
- BORBA, J.; GIMENES, É. R.; RIBEIRO, E. A. Bases sociais, atitudinais e comportamentais do apartidarismo brasileiro. *Novos Estudos*, São Paulo, v. 101, p. 27-55, 2015.
- BORBA, J.; RIBEIRO, E. A.; CARREIRÃO, Y.; GIMENES, É. R. Determinantes individuais e de contexto da simpatia partidária na América Latina. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 33, n. 97, p. 1-24, 2018.

- CARLIN, R. E.; SINGER, M. M. Support for polyarchy in the Americas. *Comparative Political Studies*, Beverly Hills, v. 44, n. 11, p. 1500-1526, 2011.
- CAMPBELL, A.; CONVERSE, P. E.; MILLER, W. E.; STOKES, D. *The American Voter*. New York; London: John Wiley, 1960.
- CARRERAS, M.; MORGENSTERN, S.; SU, Y. P. Refining the theory of partisan alignments: evidence from Latin America. *Party Politics*, Sussex, UK, p. 1-15, 2013. Disponível em: <http://ppq.sagepub.com/content/early/2013/07/11/1354068813491538.full.pdf+html>. Acesso em: 13 dez. 2014.
- CARVALHO, G. S.; MINGOTI, S. A. *Manual do usuário: programas para a realização da análise hierárquica*. 2005. Disponível em: http://www.est.ufmg.br/estatistica_industrial/manual%20do%20usu%Elrio_an%Elise_hier%Elrquica.pdf. Acesso em: 8 out. 2018.
- CASALECCHI, G. Á. *O legado democrático e as atitudes democráticas: efeitos diretos, indiretos e condicionados*. 2016. 199 f. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.
- CASALECCHI, G. Á.; GIMENES, É. R. Partidarismo e legado democrático na América Latina. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS, 41., 2017, Caxambu. *Anais [...]*. Caxambu: ANPOCS, 2017.
- CEPAL - COMISIÓN ECONÓMICA PARA AMÉRICA LATINA Y EL CARIBE. *Panorama regional de América Latina y el Caribe: Indicadores seleccionados – Económico: PIB total y per capita*. Disponível em: <https://estadisticas.cepal.org/cepalstat/Portada.html>. Acesso em: 13 set. 2018.
- CONVERSE, P. E. Of time and partisan stability. *Comparative Political Studies*, Beverly Hills, v. 2, p. 139-171, 1969.
- DAHL, R. A. *Poliarquia: participação e oposição*. São Paulo: USP, 1997.
- DALTON, R. J. *The apartisan American: dealignment and changing electoral politics*. Washington, DC: Sage, 2013.
- DALTON, R. J. Political support in advanced industrial democracies. In: NORRIS, P. (ed.). *Critical citizens: global support for democratic government*. Oxford: Oxford University, 1999. p. 57-77.
- DALTON, R. J.; FLANAGAN, S.; BECK, P. (ed.). *Electoral change in advanced industrial democracies*. Princeton: Princeton University, 1984.
- DALTON, R. J.; McALLISTER, I.; WATTENBERG, M. Democracia e identificação partidária nas sociedades industriais avançadas. *Análise Social*, Rio de Janeiro, v. 38, n. 167, p. 295-320, 2003.
- DOWNS, A. *An economic theory of democracy*. Nova York: Harper Row, 1957.
- EASTON, D. A re-assessment of the concept of political support. *British Journal of Political Science*, Cambridge, v. 5, n. 4, p. 435-457, 1975.
- FIORINA, M. *Retrospective voting in American national elections*. New Haven: Yale University, 1981.
- FUKS, M.; CASALECCHI, G. A.; GONCALVES, G. Q.; DAVID, F. F. Qualificando a adesão à democracia no Brasil: quão democráticos são os democratas brasileiros? *Revista Brasileira de Ciência Política*, Brasília, v. 19, p. 199-219, abr. 2016.
- FUKS, M.; CASALECCHI, G. A.; RIBEIRO, E. A. Os condicionantes individuais e contextuais da coesão do sistema de crenças democrático. In: SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE COMPORTAMENTO POLÍTICO E OPINIÃO PÚBLICA, 1., 2014, Florianópolis. *Working paper... [...]*. Florianópolis, SC: UFSC, 2014.
- GIMENES, É. R. *Eleitores e partidos políticos na América Latina*. Curitiba: Appris 2017.
- GIMENES, É. R. *Cultura política e democracia: apoio difuso e específico entre um segmento da elite não estatal do município de Maringá (PR)*. 2011. 178 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2011.
- GREEN, D.; PALMQUIST, B.; SCHICKLER, E. *Partisan hearts & minds: political parties and the social identities of voters*. New Haven: Yale University, 2002.
- INGLEHART, R.; WELZEL, C. *Modernização, mudança cultural e democracia: a sequência do desenvolvimento humano*. São Paulo: Francis, 2009.
- KLINGEMANN, H. Mapping political support in the 1990s: a global analysis. In: NORRIS, P. (ed.). *Critical citizens: global support for democratic government*. Oxford: Oxford University, 1999. p. 31-56.
- LAPOP - LATIN AMERICAN PUBLIC OPINION PROJECT. *Banco de dados 2012*. Disponível em: <http://datasets.americasbarometer.org/database/index.php?freeUser=true>. Acesso em: 13 set. 2018.

- LEVITSKY, S.; ZIBLATT, D. *Como as democracias morrem*. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.
- LUPU, N. Partisanship in Latin America. In: CARLIN, R. E.; SINGER, M. M.; ZECHMEISTER, E. J. (ed.). *The Latin American voter: pursuing representation and accountability in challenging contexts*. Ann Arbor: Michigan University, 2015. p. 226-245.
- MAGALHÃES, P. Regime support. In: FISHER, J. et al. *The routledge handbook of elections, voting behavior and public opinion*. London: Routledge, 2018. p. 416-427.
- MAINWARING, S. *Sistemas partidários em novas democracias: o caso do Brasil*. Porto Alegre/Rio de Janeiro: Mercado Aberto: FGV, 2001.
- MAINWARING, S.; BRINKS, D.; PÉREZ-LIÑÁN, A. Classifying political regimes in Latin America, 1945-1999. *Studies in Comparative International Development*, Saint Louis, v. 36, n. 1, p. 37-65, 2010.
- MOISES, J. Á. Cultura política, instituições e democracia: lições da experiência brasileira. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 23, n. 66, p. 11-43, 2008.
- MORENO, A. Partidarismo e ideologia nos eleitorados latino-americanos. In: TELLES, H.; LAVAREDA, A. (org.). *Voto e estratégia de comunicação política na América Latina*. Curitiba: Appris, 2015. p. 41-59.
- NORRIS, P. *Democratic deficit: critical citizens revisited*. Nova York: Cambridge University, 2011.
- NORRIS, P. *Critical citizens: global support for democratic governance*. Oxford: Oxford University, 1999.
- OLIVEIRA, R. A. *Cultura política e gênero na América Latina: estudo sobre as dimensões subjetivas da sub-representação feminina*. 2015. 81 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2015.
- PAYNE, J. M. Party systems and democratic governability. In: PAYNE, J. M.; ZOVATTO G. D.; DÍAZ, M. M.; ZAVALA, A. A.; CARRILLO-FLÓREZ, F.; ECHEBARRÍA, K.; FREIDENBERG, F.; IARQUÍN, E. *Democracies in development. Politics and reform in Latin America*. Washington, D. C.: Inter-American Development Bank/International Institute for Democracy and Electoral Assistance, 2007. p. 149-177.
- PÉREZ-LIÑÁN, A.; MAINWARING, S. Regime legacies and levels of democracy: evidence from Latin America. *Comparative Politics*, New York, v. 45, n. 4, p. 379-397, 2013.
- RAUDENBUSH, S. W.; BRYK, A. S. *Hierarchical linear models: applications and data analysis methods*. Nova York, Sage, 2002.
- REIS, F. W. Engenharia e decantação. In: BENEVIDES, M. V.; VANNUCHI, P.; KERCHE, F. (org.). *Reforma política e cidadania*. São Paulo: Perseu Abramo, 2003. p. 13-32.
- RICO, G. La formación de identidades partidistas en Europa: más allá de la teoría de Converse. In: TORCAL, M. (ed.). *La ciudadanía europea en el siglo XXI: Estudio comparado de sus actitudes, opinión pública y comportamiento políticos*. Madrid: CIS, 2010. p. 143-174.
- RODRÍGUEZ, L. M. R. Oferta partidária e comportamento eleitoral na América Latina. In: TELLES, H. S.; MORENO, A. (org.). *Comportamento eleitoral e comunicação política na América Latina: o eleitor latino-americano*. Belo Horizonte: UFMG, 2013. p. 25-52.
- VAN BIEZEN, I.; MAIR, P.; POGUNTKE, T. Going, going... gone? The decline of party membership in contemporary Europe. *European Journal of Political Research*, Amsterdam, v. 51, p. 24-56, 2012.
- VEIGA, L. F.; GIMENES, É. R.; RIBEIRO, E. A. O voto econômico em democracias recentes: determinantes do comportamento eleitoral na América Latina. In: VEIGA, L. F.; RIBEIRO, E. A.; GIMENES, É. R. (org.). *Comportamento político e opinião pública: estudos sobre Brasil e América Latina*. Curitiba: CPOP, 2018. p. 109-127.
- WATTENBERG, M. P. Electoral turnout: the new generation gap. *British Elections & Parties Yearbook*, London, v. 13, n. 1, p. 159-173, 2003.
- WEISBERG, H. F.; GREENE, S. The political psychology of party identification. In: MACKUEN, M. B.; RABINOWITZ, G. (org.). *Electoral democracy*. Ann Arbor: University of Michigan, 2003.
- WITHELEY, P. Is the party over? The decline of party activism and membership across the Democratic World. *Party Politics*, Sussex, UK, v. 17, p. 21, 2011.
- WOOLDRIGDE, J. M. *Introdução à econometria: uma abordagem moderna*. São Paulo: Pioneira, 2005.

ANEXO

Tabela A - Preditores da adesão às distintas dimensões da democracia na América Latina (2012)

	Posição clássica churchilliana	Dimensões de adesão			
		Procedimentos de escolha	Normativa ao voto	Participação política	Princípio da representação
Intercepto	,663***	,386***	,783***	,681***	,456***
Sexo	,015*	,013*	,011*	-,005	-,005
Faixa etária	,031***	,044***	,013***	-,008*	,015*
Perfis ^a					
Partidários rituais	,017*	,007	,019	-,018	,028
Partidários cognitivos	,052***	,081*	,053*	,053*	,026
Apartidários	,051**	,067*	,050***	,069***	-,009
n	27362	26587	27555	28481	26966

Fontes: LAPOP (2012)

^a Categoria de referência: Independentes apolíticos

Onde: ***sig = ,000 e *sig ≤ ,050

Declaração de Co-Autoria (excertos): “Declaramos que trabalhamos em conjunto desde 2012 e temos escrito de maneira colaborativa, especialmente após a defesa de doutorado do primeiro autor deste manuscrito, que foi orientado pelo segundo autor. (...) O artigo ‘Adesão à democracia e apartidarismo na América Latina: Análise multidimensional’ foi escrito inteiramente em conjunto de ambas as partes.”